



EM DIRECTO

Pedro Tochas, sempre a fazer rir,
acredita que rir é o melhor remédio



flash! EM DIRECTO

**“PENSAMENTO POSITIVO
é o melhor remédio”**

**“Tou que nem posso”,
é a frase que o tornou popular,
mas há muito que os
seus espectáculos esgotam.
PEDRO TOCHAS
faz da vida dos outros
uma gargalhada e considera
que pensamento positivo
é o melhor remédio.**

Começou há 12 anos como artista de rua. Foi aí que sentiu o “chamamento” da comédia. Na rua, nos palcos, pelo mundo fora, Pedro Tochas alegra-se de fazer a vida dos outros um pouco melhor, ainda que pelos breves, mas hilariantes, momentos em que duram os espectáculos.

Artista de rua, palhaço ou comediante, com qual dessas denominações se identifica mais?

É um problema. Às vezes perguntam-me o que sou? Não sei. Acima de tudo, sou um *performer*, criador e autor. Crio as performances e apresento-as. Tanto faço espectáculo de rua, palhaço, *clown*, como faço *stand up comedy*, programas de rádio e outras coisas que nem eu próprio sei o que é. Agora estou numa fase em que, felizmente, consigo fazer o que me dá

prazer. Especialmente espectáculos de rua. O desconforto de se estar na rua, às vezes, é tão grande que quem o faz tem, de facto, de gostar um pouco daquilo. Há maneiras mais fáceis de ganhar a vida. Mas é divertido!

Sabemos que uma das memórias que guarda do início dos espectáculos de rua é a de um mendigo que lhe deu dinheiro...

... Quando eu passei o chapéu no fim do espectáculo, estava um mendigo que pegou numa moedinha de 2\$50 e deu-ma. Achei fabuloso.

Isso marcou-o?

Senti-me nas nuvens. Ele achou que devia contribuir e sentiu-se igual aos outros. O mais bonito é que aquele espectáculo, dentro das limitações e sem querer estar com pretensiosismos, transformou todas as pessoas em iguais. Não havia nem ricos, nem pobres, havia público. Ele a contribuir mostrou que era tanto como os outros. Fui para casa nas nuvens. Foi tipo um chamamento. Todos temos o chamamento em que decidimos o que queremos ser.

Foi nessa altura que decidiu que ia ser artista?

Sim, que queria continuar a fazer comédia. Nessa altura, artista de rua, que era o que fazia.

Decidiu que queria fazer rir?

Gosto de comédia por causa disso, mas mais do que fazer rir, gosto de fazer com que as pessoas se sintam bem. E alertá-las. Se houver uma mensagem intrínseca, melhor ainda.

Há 12 anos que começou. Sente que tem conseguido, durante este tempo, que as pessoas se sintam melhor?

Há casos em que sim. As pessoas chegam ao pé de mim e dizem que se divertiram imenso, que gostaram, mandam-me *e-mails*...

E isso é uma forma de felicidade?

Fico feliz por contágio. Quando criamos alegria, ela acaba por vir para cima de nós. Quando vemos as pessoas, principalmente na rua, por ser um meio tão estéril, crio um mundo meu mais bonito.

Rir é o melhor remédio?

Penso que o espírito positivo é o melhor remédio. Há tantas coisas más que, se pensarmos nisso e levarmos a sério, acabamos por não fazer nada. Pensamento positivo é o melhor remédio.

O que é isso de se ter graça?

Não sei.

Tem graça no seu dia-a-dia?

Sou a chamada pessoa sem graça. As pessoas olham para mim e dizem: “Olhe para si, não tem graça nenhuma, devia comprar umas roupinhas...” Isso de ter graça faz lembrar-me os primeiros espectáculos que fiz. Havia pessoas que se sentavam na primeira fila e ficavam com aquela expressão: “Oh, palhaço, faz-me rir!” Mas não sei se tenho graça.

Fora dos palcos e ruas, em sua casa, quando é o Pedro Santos, também faz rir os outros?

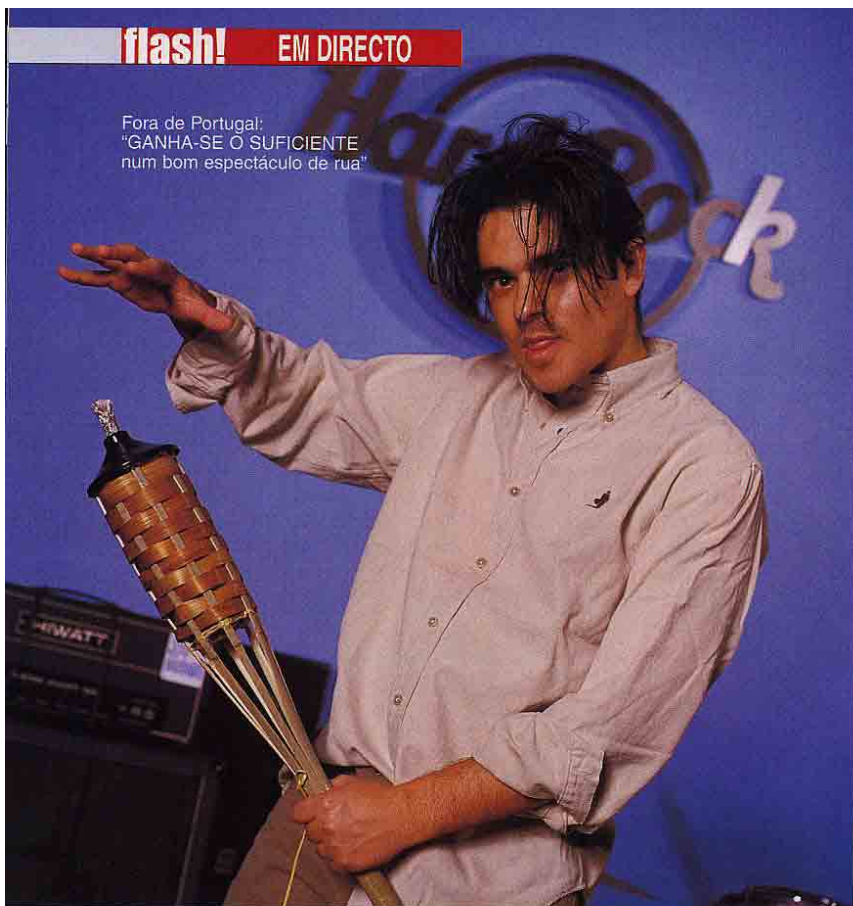
Quando estou sozinho se me faço rir sou maluco.

Quando se olha ao espelho tem vontade de rir?

Depende, às vezes, olho ao espelho e digo: “tu és uma vergonha!” (risos). Quando estou a ensaiar coisas em frente ao espelho, faço comédia e teatro físico. O espelho é um instrumento de trabalho. Quando estou a escrever coisas ou a idealizar, às vezes parto-me a rir. Se não achar graça, como é que os outros vão achar? Acho importante achar graça ao que faço. ▶

**“Fico feliz
por contágio”**



**flash! EM DIRECTO**

Fora de Portugal:
"GANHA-SE O SUFICIENTE
num bom espectáculo de rua"

Como é a construção de um espectáculo?

Quando estou a fazer um espectáculo, vão-me surgindo ideias. Depois vou juntando. Há uma altura em que penso em fazer um espectáculo. Depois vou juntando esses elementos e construo-o.

De repente, a stand up comedy caiu no domínio público por causa dos programas de televisão, nomeadamente o Levanta-te e Ri. Como é que interpreta este fenómeno?

Como tudo, há coisas boas e coisas más. Agora temos que ver se tem continuidade ou se, no bom estilo português, é só uma moda.

O seu último espectáculo esteve por diversas vezes esgotado. Qual é a sensação? Sente-se reconhecido?

É boa. Mais do que tudo, quero que as pessoas saibam que vão lá e vão passar um bom bocado. Quero que o meu nome leve as pessoas a ir ver o espectáculo e não ao ponto de me reconhecerem

na rua. Prefiro que o nome fique mais em abstracto.

A publicidade trouxe-lhe a notoriedade de que está a falar? Se calhar, não sabem quem é o Tochas, mas sabem que é o homem da água com gás. Como é lidar com isso?

Os anúncios foram improvisados por mim, o que me dá um gozo particular. Não foi a publicidade tradicional de pegar num guião e estar a fazer cinquenta vezes e escolher o melhor. Foi improvisado, o que dá um gozo incrível. Quem conhece o meu trabalho sabe que está lá o meu toque.

Sente orgulho ao ouvir as pessoas dizerem: 'tôu que nem posso'?

É mais estranho do que orgulho. Daqui a uns tempos, as pessoas não sabem de onde vem, mas a frase é capaz de continuar. Acho que é muito engraçado.

Diz 'tôu que nem posso' a quê?

A única coisa com que não posso é ver que o país podia estar melhor do que es-

tá. E há muita coisa que não funciona porque nós, os portugueses, não queremos. Isso irrita-me! A todos os níveis.

O facto de fazer espectáculos de rua dá uma percepção diferente da realidade portuguesa?

Tenho mais do que o contacto com o país. Mas, sobretudo, é o facto de viajar que me dá a possibilidade de comparar. Quando não se conhece mais nada, pode pensar-se que tudo está bem. O viajar e conhecer outras realidades torna-nos mais exigentes. Deixa-me triste ver salas de espectáculos construídas há um ano mal feitas. Também me deixa triste ver muitos plágios: as pessoas em vez de tentarem criar vão buscar modelos estrangeiros e só traduzem para cá. Vejo muitos exemplos destes. Quem não conhece não se apercebe disto.

O que se pode esperar do próximo espectáculo, Work in Progress?

Vai chamar-se *Variety*, em princípio, porque é um espectáculo muito variado. Este será o meu espectáculo de mais fusão, em que vou juntar ainda mais coisas. Claro que depois os críticos vão dizer, isto não é *stand up comedy*, isto é circo! É curioso que não temos tradição, mas já temos puristas. Uma vez fizeram-me a crítica de que eu não fazia *stand up comedy* porque não dominava bem a técnica, porque, segundo essa pessoa, mexo-me muito. A ideia que tinha era de alguém de microfone, que não se mexe muito, porque era o que via no *Seinfeld*. E esquece-se que era assim porque ele está na televisão, tem um plano único, e tem de fazer o espectáculo para a câmara. Eu estou num palco, às vezes de 10 metros, e tenho de o encher.

Participou com o espectáculo de rua O Palhaço Escultor na Street of Fools integrado no Porsgrunn Internasjonale Teaterfestival (Noruega), onde ganhou o prémio The Biggest Fool, que é atribuído ao melhor artista de rua. Qual é a sensação?

É muito estranho. É o mesmo que dizerem que o teu bebé é o mais bonito que está aqui. Ainda por cima, os espectáculos de rua são das coisas menos reconhecidas em Portugal. Temos os actores de cinema, teatro, televisão, os mendigos, os drogados e os artistas de rua (ri- ▶



"Sou a chamada
PESSOA SEM GRAÇA"



"GOSTO DE FAZER com que as pessoas se sintam bem"

sos), pelo meio temos a sarjeta. Os artistas de rua não são de todo reconhecidos. E basta ver que num espectáculo de rua, quando passas o chapéu, ninguém dá dinheiro.

Mas luta por esse reconhecimento?

Tento sempre. Apoio os artistas de rua e o circo, sobretudo o novo circo, porque não sou muito adepto do tradicional, prefiro um circo sem animais, mais teatral. Sempre que posso ajudo a Associação Novo Circo, apresentei as duas galas de malabarismo. Tento fazer espectáculo de rua. E depois só o facto de continuar a assumir-me como artista de rua e não recusar o meu passado, acho que é uma

forma de credibilidade. Podia ir pelo mais fácil, só fazer televisão, só publicidade!

E novos projectos?

Estou agora na televisão no *Vais ou Ficas*, na RTP. Na televisão é um pouco complicado porque não sei se o meu humor é suficientemente *mainstream* para um canal generalista. Mas fico surpreendido que os anúncios, que é o meu estilo de humor, tivessem tanto sucesso. Agora vou continuar com o *Work in Progress*, durante uns meses, para afinar o espectáculo. O espectáculo novo devo estreá-lo no final de Verão. E depois continuar a fazer mais espectáculos de rua.

Fazer uma *tournee* mundial, daqui a dois anos, quando me contratarem para todos os festivais.

Ser artista de rua compensa financeiramente?

Ganha-se bem. Ganha-se o suficiente num bom espectáculo de rua em países desenvolvidos. Em Portugal é raro. Há uma grande falta de respeito pelos artistas de rua. As pessoas pensam que faço espectáculos de rua porque não consigo fazer mais nada e não porque gosto. ●

Texto: Rosa Inverneiro
Fotos: Luís Miguel Cunha
Produção: Marina Garnel
Maquilhagem e cabelos: Moreno Cabeleiros